

ESCOLHAS E BURACOS

“Nossa vida não é a nossa vida, mas apenas a história que nós contamos a respeito da nossa vida. Contamos para os outros, mas – principalmente – para nós mesmos.” Julian Barnes, O sentido de um fim.

Recordações são tecidos rasgados em tiras, cheias de vãos, labirintos nos quais me perco. Se alguém diz “você se lembra” levo um golpe. Peço detalhes, procuro um som, cheiros ou cores que evoquem alguma coisa. Mas nada vem, além de pontos cegos.

Essa memória ingovernável percorre caminhos que tento esquecer

o olhar cabisbaixo da adolescente com walkman, a cabeça do velho apoiada na bengala, o balanço frenético da perna do homem, afundados nas cadeiras de plástico que formam um quadrado

o branco imaculado da sala

as recomendações de higiene penduradas na parede à minha frente

o sorriso estático da atendente do laboratório

o suor escorrendo, os braços rentes ao corpo escondem a mancha no vestido

aquele barulho das pás do ventilador

minhas mãos molhadas segurando o envelope branco

a voz dela me chamando de Civetta.

Conheci J. uma noite no Pirandelo, reduto de musas, divas, intelectuais e políticos. Lugar fascinante se você tem dezenove anos, mora com a avó,

frequenta bailinhos de clube e beija garotos imberbes. Ele era um foto jornalista conhecido, tinha vinte anos a mais do que eu e as mãos macias. Mas essa não é a estória dele. As imagens que agora esvoaçam – sessões de cinema no Bijou, o quarto no sobrado da Aspícueta, pileques entremeados com conversas sobre política – não tinham mais do que um único significado: viver o desconhecido. J. só é protagonista porque estava ali naquele momento. Essa é uma estória sobre escolhas e buracos que reluto em preencher.

Ela é uma mulher alta e corpulenta. As mãos têm dedos longos, veias salientes e muitas manchas. A maioria delas queimaduras dos dias grudada no fogão, com avental manchado de gordura e sumo de tomate, as faces avermelhadas pelo calor. O marido chega sempre furioso, talvez por não suportar vê-la assim. Bate as portas, ma cosa stai facendo grita, bufa de desprezo. Um dia, não volta mais. Civetta é a única coisa que importa na vida. Até porque não sobrou mais nada. A neta vive rodeada de livros. Mesmo criança, brincava pouco; sua maior diversão era com a avó na cozinha. A pia de mármore branco salpicada de farinha, a massa moldada com os dedos e os fios infinitos saindo da máquina à manivela. Ela sente falta da menina que a ajudava e agora passa os dias lendo. Homens não gostam de mulheres muito inteligentes, aconselha. A neta escuta em silêncio e esboça um sorriso. Às vezes acha que apelidá-la de Civetta foi um mau prenúncio.

Chovia muito naquele setembro. Nos ônibus lotados, os poucos que conseguiam um lugar pra sentar fechavam as janelas pra não se molharem. O calor úmido e o cheiro de suor causavam náuseas. Os remédios pra enjoô me deixavam sonolenta, não tinha ânimo pra nada.

Eu tinha ido a um ginecologista uma vez, na minha adolescência. Quando ficava doente minha avó ligava para o antigo pediatra e se aconselhava. Pedi indicação de um médico pra uma conhecida da faculdade. Com medo de que suspeitasse de alguma coisa, inventei motivos e desculpas para justificar a necessidade da consulta. Agora entendo a estranheza com que me encarou.

O consultório da Dra. G. ficava em um prédio antigo no centro da cidade. O lugar que tinha servido de residência para a alta burguesia paulistana estava totalmente decadente. Vidros quebrados, pisos com trincas e o elevador não funcionava. Subi os sete lances de escada depressa sem parar (eu tinha lido artigos em

revistas femininas sobre os perigos dos exercícios extenuantes nos primeiros meses de gravidez). A sala de espera era minúscula, as duas únicas cadeiras estavam ocupadas por grávidas, na faixa dos trinta que, pelo tipo de roupa, me pareceram secretárias de algum dos escritórios de advocacia do bairro.

Uma hora de espera em pé. A mulher velha, aos olhos de alguém que tinha acabado de entrar na idade adulta, abriu uma porta e fez sinal pra que eu a acompanhasse. Consulta de rotina? perguntou sem levantar o rosto da ficha de cartolina que preenchia. Em silêncio, entreguei o envelope branco com o resultado do exame. Não posso te ajudar por princípios religiosos e éticos. O tom era ríspido e acusador. Sabia que alguns médicos faziam aquele tipo de trabalho, mas não conhecia nenhum. A única coisa que podia fazer era receitar algumas injeções, mas duvidava que surtisses algum efeito. Quando saí olhei as grávidas da sala de espera com uma ponta de inveja. Estavam ali por opção e eu, por acaso.

Voltei pra casa caminhando. O tempo era um tipo de carrasco, avançava dentro de mim e se divertia com meu desespero. Pelo menos era nisso que acreditava. Não podia ser acelerado ou retardado. Tinha uma cadência inexorável e eu decidi interrompê-la (só não sabia como). Liguei para J. e contei que estava grávida. Consegui ouvir a respiração dele quando disse que eu não queria um filho naquele momento e precisava de dinheiro e ajuda pro aborto.

Os dias seguiram banhados por uma névoa espessa. Dessa realidade invisível e abstrata, uma das poucas lembranças são os lamentos de minha avó enquanto eu saía pra missa do Herzog. Uma multidão se aglomerava no entorno da catedral, os sinos badalavam e eu não sentia náuseas pela primeira vez no último mês. Era uma espécie de inclusão ao que eu considerava a normalidade da vida. Por um momento tinha voltado a ser a estudante preocupada apenas em me divertir.

Em uma manhã ensolarada de outubro, J. me avisou que tinha conseguido um endereço. Os médicos atendiam mulheres com meu tipo de problema, só podia ser sábado porque durante a semana a clinica funcionava normalmente. Sua voz me pareceu um pouco estridente, como se tivesse vontade de gritar. Quis perguntar o que seria o funcionamento normal do lugar, mas desisti. Sairíamos pela manhã bem cedo, eu devia estar em jejum e tomar por três dias o antibiótico que ele deixaria na portaria do prédio.

Marcamos encontro sexta feira na casa de L. Eu a conhecia vagamente, dividimos algumas vezes a mesma mesa no Pirandelo. Era uma moça pequena e morena, com óculos grandes de aspecto intimidador. Trabalhava como freelancer para um jornal, onde conheceu J. há muitos anos. Ela ia viajar com o namorado. Sabia que morava com minha avó, eu podia usar o apartamento durante o fim de semana enquanto me recuperava. Devo ter ficado ruborizada com a palavra recuperada. Ela me tranquilizou, aborto era um procedimento simples, já havia feito um na mesma clínica, por isso indicou o lugar para J. Tínhamos um abandono que nos unia apenas deslocado no tempo. E isso me fez sentir menos só.

A clínica me pareceu uma casa de subúrbio, acabrunhada, cercada por um jardim mal cuidado e grades com a pintura desgastada. Fui levada a um quarto com cama hospitalar. Lembro do tec-tec-tec das pás do ventilador de teto e do homem de meia idade com cabelos alisados. Ele falou alguma coisa que não entendi antes de aplicar a injeção. Usava máscara, talvez pra que eu não o reconhecesse, caso alguma coisa não desse certo. O resto é um sono profundo. Na casa de L., uma tensão evidente sugeria que J. não queria estar ali. Pedi que fosse embora e viesse me buscar no domingo. Passei dois dias na cama, enfrentando a dor e o medo. Ou convenci a mim mesma disso.

Dessa memória esburacada isso é tudo que ficou.

MAYA